

Eduardo Lourenço Queirosiano

Carlos Reis

1. No texto prefacial de um dos seus mais famosos livros – o volume *O Labirinto da Saudade*, publicado em 1978 – escreveu Eduardo Lourenço: “Este livro não é de exílio nem de exilado que a nenhum título o seu autor foi nunca. Digamos que é o discurso de um *ausente* por motivos que só a ele dizem respeito, mas que nada têm a ver com as exalações de exilados imaginários de uma pátria não menos imaginariamente ingrata” (Lourenço, 1978: 16-17).

São conhecidas estas palavras. Seguramente elas foram já citadas muitas vezes, até por traduzirem, pela filigrana de uma ponderação autobiográfica de que agora me não ocupo, uma *atitude* que os que lêem e os que ouvem Eduardo Lourenço bem conhecem. Nele, a recusa da condição de exilado não provém apenas do registo *civilizado* que caracteriza o seu modo de reflectir sobre si e sobre os outros; ela traduz também um processo *não conflituoso* de viver a distância em relação ao seu país, sendo também homenagem tácita aos compatriotas (e não foram poucos, ao longo dos tempos) que conheceram o exílio como risco, privação e violência. Em certa medida, a negação do *imaginário do exílio* vem a ser, no plano pessoal, uma outra forma, porventura inconsciente, de amenizar uma ausência que o transcorrer dos anos e a frequência de fugazes regressos terá tornado menos *física*, se a expressão não parece estranha.

Julgo que não pode haver mais evidente nem mais aberta porta de acesso ao Eduardo Lourenço queirosiano do que esta síndrome da ausência que o grande ensaísta para si reclama. À sua maneira, Eça foi um ausente por opção, muito mais do que o exilado que, de facto, não chegou a ser; e tal como acontece na ficção e nos textos ensaísticos de Eça, também em Eduardo Lourenço a ausência foi uma posição não direi privilegiada, muito menos cómoda, de viver a sua relação com

Portugal, mas uma *instância de distanciamento* que ajudou a transmutar o olhar em visão e a observação em inteligência. Ou seja e etimologicamente, no que àquela inteligência diz respeito: capacidade de compreender, de reconhecer e de saber.

Atrevo-me a dizer: Eça e Eduardo Lourenço não teriam pensado Portugal e os portugueses como o fizeram e têm feito, se o seu lugar de *inteligência* da comum pátria não tivesse beneficiado daquele posicionamento distanciado. A isto acrescento, sempre valorizando a etimologia da *inteligência*: a compreensão e o reconhecimento de Eça por parte de Lourenço, enquanto ensaísta, são uma outra, superior e mais elaborada forma de repensar Portugal. Do meu ponto de vista e por aquilo que agora me interessa, nesse acto de repensar Portugal está inscrito o discurso queirosiano, como *presença real* (diria Steiner), fonte e origem do discurso ensaístico. Mas na medida em que esse discurso ensaístico se autonomiza, não raro e como já foi dito (cf. Reis, 2004) franqueando o limiar invisível do campo literário, ele desvanece a sua condição de discurso subsidiário e eleva-se à dimensão de uma nova *presença real*. Assim se favorece em nós, leitores de Eduardo Lourenço, o que Steiner designou como “experiência fiável do estético” (Steiner, 1991: 55).

Dito isto, noto que a presença de Eça na obra ensaística de Eduardo Lourenço está patente em dois planos de análise. Num plano de ampla abrangência, ela revela-se-nos em obras como *O Labirinto da Saudade* ou *Nós e a Europa ou as duas razões*, tendo que ver com grandes temas que implicam não apenas o autor d’*Os Maias*, mas sobretudo a geração a que pertenceu; num plano mais restrito, espécie de *close reading* que o *ethos* ensaístico estimula, Eduardo Lourenço lê em Eça temas fundamentais da ficção queirosiana (por exemplo, o erotismo ou a vivência do tempo), num plano de análise que não deve, contudo, ser dissociado do anterior.

2. Não dispondo aqui de tempo útil para analisar esta segunda instância de análise, debruçar-me-ei sobre aquele primeiro âmbito de abordagem da obra de Eça, abordagem genericamente centrada no imaginário queirosiano e no seu travejamento ficcional. Importa, além disso, sublinhar, até para percebermos a razão da leitura macroscópica da obra queirosiana, que ela se produz num momento singular da nossa história recente e também da produção lourenciana. Corresponde esse momento, *grosso modo*, ao que encontramos n’*O Labirinto da Saudade*, volume em

que curiosamente comparecem textos anteriores a 1974 e textos subsequentes à (e até motivados pela) revolução de Abril; refiro-me em especial a “Psicanálise mítica do destino português”, a “Repensar Portugal” e a “Da literatura como interpretação de Portugal”. São estes ensaios que agora me interessa considerar, até por ser sobretudo neles que está concentrado aquilo que confere unidade relativa ao volume: a questionação “da nossa *imagem* enquanto produto e reflexo da nossa existência e projecto históricos ao longo dos séculos e em particular na época moderna em que essa existência foi submetida a duras e temíveis privações” (Lourenço, 1978: 14)¹. Antes desse alargado momento de privilegiada indagação sociológica, histórico-cultural e mítico-simbólica, o ensaísmo literário de Eduardo Lourenço ocupara-se sobretudo da nossa poesia do século XX: o primeiro e o segundo modernismo, Fernando Pessoa, Miguel Torga e a poesia neo-realista constituem os grandes destaques do tempo crítico de Lourenço anterior a 1974.

Eça de Queirós e a geração de 70 ocupam um lugar de grande proeminência em *O Labirinto da Saudade*, em especial no ensaio “Da literatura como interpretação de Portugal”. Trata-se agora de descrever e de interpretar as linhas dominantes de um retrato colectivo que a libertação operada em 1974 permitiu configurar, em termos que anteriormente não eram consentidos. Também por isso é significativo que n’*O Labirinto da Saudade* convivam textos separados por esse meridiano histórico, a vários títulos decisivo.

Na literatura dos últimos 150 anos, perpassa, diz Lourenço, a “preocupação obsessiva de descobrir *quem somos e o que somos como portugueses*” (Lourenço, 1978: 89-90). Intervém nessa descoberta, de forma particularmente expressiva, o nosso “ironista-mor”, enquadrado pelo colectivo a que Eduardo Lourenço chamou “a mais exemplar e *trágica* geração intelectual portuguesa” (Lourenço, 1978: 97). O juízo é drástico e impressiona, mas não é, evidentemente, desprovido de sentido, sobretudo se tivermos em conta dois implícitos que nele podemos surpreender. Não me atrevo a devassar um desses implícitos, por dizer ele respeito a procedimentos de confrontação pessoal, de análise autobiográfica e mesmo de emulação intelectual que, por agora, só o ensaísta tem legitimidade para trazer à luz do nosso olhar.

¹ Por razões óbvias, que dizem respeito à temática central desta intervenção, não estão aqui em causa títulos da mesma época e de clara indagação política e ideológica, como *O Complexo de Marx ou o Fim do Desafio Português* (1979) e *O Fascismo nunca existiu* (1976).

O outro implícito remete para o trajecto pessoal e cultural dos três vultos que, para Lourenço, são os pontos cimeiros de um Everest geracional certamente excessivo para a pacatez de uma planura cultural pouco dada a abruptos relevos. Falo, evidentemente, de Antero, de Eça e de Oliveira Martins, curiosamente os mesmos três nomes que, sem surpresa, encontramos no subtítulo de um dos últimos livros publicados em vida por António José Saraiva: *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Outros* (1990).

Para Eduardo Lourenço, aquela tríade mágica tem pouco de “tertúlia”, se ao termo dermos a coloração intelectualmente lúdica que usualmente ele sugere. A dimensão trágica que a geração de 70 encerra tem que ver com a forma como ela viveu uma espécie de *pathos da desilusão*, agudizado à medida que se ia acentuando, na década de 80, a consciência de que (afirma Eduardo Lourenço) era objectivamente irrecuperável, “no espaço de uma vida de homem, esse *atraso demencial*, que segundo o diagnóstico do mais precoce dos seus génios tutelares, se cavara ao longo de três séculos, entre um povo, farol de mundos, e o mesmo povo agora convertido na *lanterna vermelha das nações civilizadas*” (Lourenço, 1978: 97).

A consciência do atraso não era, evidentemente, nova, como não o era o claro *complexo de marginalidade* ressentido por Antero e pelos seus *compagnons de route* (cf. Lourenço, 1988: 54), relativamente a uma Europa que suscitava sentimentos antagónicos de ressentimento e de fascínio (cf. Lourenço, 1988: 25 ss.). Ambos os sentimentos provinham da geração anterior e Garrett fora “o primeiro de uma longa e ainda não acabada linhagem de ulisses intelectuais” (Lourenço, 1978: 88), viajante incansável de uma odisseia cujo fim ele não viu. Para bem acompanhar a metáfora dramática que o ensaísta cultivava, direi que se o genial autor das *Viagens* pôde resolver a desilusão à custa da consabida pose dramática que foi a sua, na vida e na literatura, já para Antero não havia outra saída coerente que não fosse o supremo e trágico gesto de coragem que em São Miguel pôs fim à “conquista frenética do *Graal* que continha a *Ideia*”. (Lourenço, 1978: 97)

3. Foram outros e bem diversos os caminhos de superação trilhados por Eça e de alguns deles ocupou-se Eduardo Lourenço. Para já, quero recuperar a imagem do “ironista-mor”, por ser ela algo mais (muito mais) do que um estafado lugar-

comum que não raro limita a riqueza multiforme da literatura queirosiana. Com Mário Sacramento sublinho a importância que para Eça assumiu a *estética da ironia*, como superior cosmovisão artística modelada por um escritor que só pela linguagem poderia sublimar o desencanto geracional que porventura foi comum a todos os da dita geração.

É disso ainda que se trata num bem conhecido texto que alguns desejariam talvez mais “sério”, mas que em Eça não pode senão resolver-se sob o signo de uma ironia não isenta de ambiguidades e de questões várias, a começar por esta: o que pensava Eça, de facto, de Antero?² Nesse texto, escrito no tempo crepuscular de 1896, mas reportado ao entusiasmo juvenil de trinta anos antes, trata-se ainda e sempre da famosa Ideia e da sua ansiosa procura; recordando o amigo desaparecido e os anos ardentes em que ele surgira para tentar disciplinar a busca da tão fugidia Ideia, Eça descreve a “fornalha de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia, de boémia feroz” (Queirós, s.d.: 267) , alojada em casa de Jaime Batalha Reis. Nesse burlesco cenário, é uma figura, quase personagem de romance, que se destaca, o criado “Via Láctea, galego ilustre”:

Via Láctea dormia pendurado, como um paio, da chaminé da cozinha. As suas ocupações não consistiam em escovar ou varrer. A Via Láctea fora confiada a missão transcendente de espreitar a passagem da Ideia ao longo do rio do Espírito, para nos avisar, e nós corrermos e a prendermos na rede rutilante do Verbo. Durante dois anos, cada dia, a horas de sol e a horas de treva, empurrámos nós com fragor a porta da cozinha, e berrámos em ânsia: «Via Láctea! Via Láctea! viste enfim a Ideia Pura boiando na corrente espiritual?...» E durante dois anos Via Láctea, de dentro da chaminé ou de sobre a tampa de um caixote, imutavelmente rosou com uma dignidade triste: *Num bi nada*. Aí Antero apareceu numa fria manhã – e foi aclamado. (Queirós, s.d.: 268)

Infelizmente, nem a aparição de Antero, trilhando o que era já, de alguma maneira, um calvário pessoal de indagação e de malogro, nem essa aparição permitiu que Via Láctea surpreendesse a Ideia Pura. Quem sabe até se o digno galego não saberia, com uma lucidez que o ardor dos jovens amos não alcançava, que é da

² Ocupei-me desta questão no ensaio “Um bardo dos tempos novo: a imagem queirosiana de Antero” (cf. Reis, 1999: 47-56).

intrínseca natureza dessa impalpável Ideia Pura, justamente, não se deixar capturar...

Seja como for, a disciplina que por breve tempo reinou no Cenáculo favoreceu em Eça a leitura de Proudhon e gerou o projecto das Conferências do Casino. Só que nestas e por entre as fissuras ideológicas que no grupo iam surgindo, parecia já congenitamente inscrita uma sentença de desilusão e de falhanço, renunciando a tragédia geracional que Eduardo Lourenço soube caracterizar. E assim, se as Conferências do Casino puderam, por um momento, ser a “aurora de um mundo novo” de que falava Eça em 1896, a alguma distância já do suicídio de Antero, o mesmo Eça podia bem acrescentar: “mundo puro e novo que depois, ó dor, creio que envelheceu e apodreceu.” (Queirós, s.d.: 269)

Começa aqui – ou seja: na falência do projecto geracional esboçado sem muita coesão, diga-se de passagem, nas Conferências – um trajecto de dispersão que cada um há-de percorrer por si mesmo. Disse-o Eça, de novo naquele texto: “a cada um de nós, bruscamente (...) aparecera a Vida, enrugada, de dedo ameaçador, a avisar que ela não é musa ou ninfa que se trate com ligeireza, indiferença, e cantando.” Eça fixou esse momento de quase debandada na expressão “fomos a concursos” (Queirós, s.d.: 269); Eduardo Lourenço, num ensaio mais recente do que aqueles que tenho aqui relido, confirmou-o em termos tão claros como radicais: “É na sua obra [na de Eça, entenda-se], e nela só, que se situa a verdadeira ruptura ou fractura que miticamente atribuímos à Geração de 70” (Lourenço, 2006: 23).

Num escritor como aquele que aqui nos ocupa, a ruptura tem um nome literário. Chama-se ele *romance* e nele encontramos as personagens, as situações e os conflitos com que o romancista Eça de Queirós sublimou o que lhe convinha do espírito da sua geração, ao mesmo tempo que dialecticamente ia derivando para outras paragens. E assim, o Eça romancista é aquele em quem Eduardo Lourenço valoriza temas estruturantes que, já nesse início dos anos 70 e antes ainda de chegar o romance propriamente dito, se vão sedimentando. A breve aventura jornalística do *Distrito de Évora* foi, deste ponto de vista, importante, como o foi, em grau superior, a experiência d'*As Farças*. Que esse Eça em formação tinha um caminho próprio é o que mostram os termos em que ele mesmo anuncia a sua partida,

deixando os folhetos por conta de um Ramalho Ortigão que queria ensinar “alguns princípios”. A reacção de Eça é conhecida: “Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em filosofia, um turista facilmente cansado, em ciência um diletante de coxia. Converter a alegre catapultazinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para a Havana.” (Queirós, s.d.: 29)

Mas para alguma coisa servira a “catapultazinha”. É hoje consensual que nela fundou Eça uma parte importante da sua aprendizagem de romancista e, nesse contexto, da prefiguração de temas, de imagens e de sentidos axiológicos que, sobretudo na ficção dos anos 70 e 80, haviam de amadurecer e de se fazer narrativa. São alguns desses temas, dessas imagens e desses sentidos que cativam o Eduardo Lourenço que parte para uma leitura predominantemente queirosiana (e já não amplamente geracional) dos textos de Eça. Dou um exemplo: ainda no ensaio “Da literatura como interpretação de Portugal”, pode ler-se:

Poucas coisas Eça de Queirós terá notado com tanta insistência, como sinal da nossa íntima e incurável *sonolência e desistência anímicas* que o andar *derreado*, essa fadiga de séculos para pôr um pé diante do outro a que mais tarde Pessoa conferirá um estatuto à Beckett... (Lourenço, 1978: 97-98).

Eduardo Lourenço não o diz (o ensaísta tem o privilégio de citar de memória e de poupar o trabalho da referência), mas o que está por detrás desta análise é um texto d’*As Farças*, de Março de 1872. Nesse texto, Eça fala das meninas de Lisboa e da sua educação: são elas que percorrem “num passinho derreado a Baixa e a sua poeira” (Queirós, 1969: 110); e são elas que fogem ao exercício físico que, em termos um tanto redutores e segundo Eça, distingue as inglesas e as alemãs das portuguesas. “Aqui”, nota Eça, “as que andam a pé, depois de ir de uma loja na Rua do Ouro a uma igreja no Loreto, arquejam e recolhem à pressa no ónibus. Algumas mesmo não sabem andar; escorregam, saltitam, oscilam. Nada dá tanta ideia da constância de carácter, como a firmeza do caminhar.” (Queirós, 1969: 110)

Não comento agora a parcialidade um tanto preconceituosa que afecta este Eça pré-romanesco. O que me interessa observar, neste contexto, é outra coisa: ao sublinhar o significado do “andar derreado”, Eduardo Lourenço está decididamente a apontar para um motivo fundamental do imaginário queirosiano, o motivo do

corpo e, com ele, o sentido do erotismo, seu efeito inevitável num universo ficcional em que a mulher quase nunca escapa à visão esquemática que dela tinha mestre (mestre, para Eça) Proudhon: “*menagère ou courtisane* – dona da casa ou mulher de prazer.” (Queirós, 1969: 213)

4. A “verdadeira ruptura ou fractura” que Eça de Queirós operou não apenas no seio da geração que foi a sua, mas também no panorama literário português da segunda metade do século XIX, ilustra-se no magistral e inigualável culto do romance (e, já agora, também do conto), tal como o grande escritor o protagonizou, de meados dos anos 70 em diante. Muito bem o entendeu Eduardo Lourenço, ao sublinhar nessa excepcional aventura literária temas como o erotismo e o tempo.

Não se limita ao já citado “andar derreado” o anúncio do corpo como tema quase obsessivo da ficção queirosiana. Em textos relativamente recentes, soube Eduardo Lourenço recuperar outras imagens seminais que, desde *As Farpas*, fundam a instância do corpo e o imaginário erótico como sentidos relevantes do imaginário queirosiano: sintomaticamente são “as saias de Elvira” que dão título a um dos seus mais recentes volumes de ensaios (Lourenço, 2006), volume em que Eça constitui presença marcante. O que nalguns desses ensaios encontramos é a leitura dos significados mítico-simbólicos, mais do que morais, de um trajecto de representação feminina em que o corpo da mulher se afirma sob o signo do erotismo; um erotismo que “é estrutura, visão do mundo, que conscientemente orienta, determina e embebe toda a sua escrita” (Lourenço, 2006: 22), nota Eduardo Lourenço. Como se na ficção queirosiana pudéssemos ler (e de certa forma podemos, à luz do ensaísmo lourenciano) as metamorfoses de uma presença erótica que, das saias de Elvira às saias de Amélia³, não cessa de afirmar um mistério, o mistério da mulher, que o seminarista Amaro resume nesta interrogação angustiada: “Que ser era esse,

³ É conhecido o significado erótico do primeiro encontro de Amaro com Amélia, sobretudo quando, a completar esse encontro, as saias da mulher se tornam presentes: “O pároco fechou a porta do quarto. A roupa da cama entreaberta, alva, tinha um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira pendia a gravura antiga dum Cristo crucificado. Amaro abriu o seu Breviário, ajoelhou aos pés da cama, persignou-se; mas estava fátigado, vinham-lhe grandes bocejos; e então por cima, sobre o tecto, através das orações rituais que maquinalmente ia lendo, começou a sentir o *tíc-tic* das botinas de Amélia e o ruído das saias engomadas que ela sacudia ao despir-se.” (Queirós, 2000: 133).

pois, que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras?” (Queirós, 2000: 153).

Não é este, contudo, um tema fora do tempo. Como esse, qualquer tema queirosiano (ou até qualquer tema que encontre no romance o seu espaço de acolhimento) só fará sentido se for enquadrado num tempo histórico, cultural e civilizacional que Eça de Queirós soube modelizar como nenhum outro dos seus companheiros de geração. Disse-o Eduardo Lourenço, num dos seus mais argutos ensaios queirosianos, “O tempo de Eça e Eça e o tempo”: “Só na obra de Eça, graças ao seu extraordinário mimetismo cosmopolita, nós temos a sensação de viver com ele e através dele *o tempo* próprio da segunda metade do século”. (Lourenço, 2006: 36).

Assim é. Aquilo que, em última instância, incute transcendência à ficção queirosiana é a superior vivência do tempo que nela encontramos, assumindo essa vivência, para além do mais, a complexidade do que Lourenço chamou os “três círculos de inscrição mítica do tempo – cósmico, natural, histórico” (Lourenço, 2006: 43). Desses três é o terceiro aquele que se torna ficcional e narrativamente mais sedutor e mais densamente humano; acontece assim porque “Eça percebeu”, conforme nota Eduardo Lourenço, “que a História era, na sua essência, já Ficção” (Lourenço, 2006: 41). Foi isso que o aproximou de Oliveira Martins, em movimento não isento de tensões que são bem conhecidas⁴. Mas nem assim se cancelou, na vivência queirosiana do tempo, um sentimento de fugaz transitoriedade das coisas e das pessoas que Eduardo Lourenço sublinhou, em termos que, por fim, bem traduzem uma evidente e quase dramática sintonia com a melancolia em que se salda a experiência queirosiana do tempo:

Melancolia, aquilo que nos fica entre os dedos quando o esplendor das coisas reais e visíveis se esconde ou confunde com o diáfano Tempo, sócia do Nada. Foi sempre sobre esse pano de fundo, desse intenso sentimento de fugacidade de todas as coisas e de tudo, suspenso unicamente da irreal magia de salvar, escrevendo esse esplendor do mundo corroído pela Morte, que Eça se viveu e foi vivido. (Lourenço, 2006: 44)

⁴ Penso, naturalmente, na conhecida carta a Oliveira Martins, de 26 de Abril de 1894, lembrada por Eduardo Lourenço, em que Eça formula reparos aos termos quase ficcionais em que o amigo descreveu certas figuras históricas e os seus gestos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOURENÇO, E. (1978). *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- LOURENÇO, E. (1988). *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. 2ª ed.; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LOURENÇO, E. (2006). *As Saias de Elvira e Outros Ensaíos*. Lisboa: Gradiva.
- QUEIRÓS, E. de (s.d.). *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil.
- QUEIRÓS, E. de (1969). *Uma Campanha Alegre. De As Farças*. Volume II. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- QUEIRÓS, E. de (2000). *O Crime do Padre Amaro (2ª e 3ª versões)*. Edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- REIS, C. (1999). *Estudos Queirosianos. Ensaíos sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Editorial Presença.
- REIS, C. (2004). “A Poética do Ensaio”. In Maria Manuel Baptista (org.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço – dos Críticos*. Maia: A Ver o Verso.
- STEINER, G. (1991). *Presencias reales. Hay algo en lo que decimos?* Barcelona: Ediciones Destino.